

# Reconciliar a saúde, medicina e doença: Uma Reflexão

*It is much more important to know what sort of patient has a disease than what sort of disease a patient has.*

Sir William Osler

A prática de uma medicina cada vez mais centrada na tecnologia e menos na comunicação, tem vindo a torná-la excessivamente complexa e dispendiosa. A crescente frustração que muitas vezes ocorre em consequência da inesperada ineficácia deste modelo de abordagem tem despertado uma vontade crescente de mudança do presente paradigma, a bem do interesse público.

Os modernos conceitos sobre estados de saúde e doença, agora questionados, em simultaneidade com a procura incessante de novos modos de reaver a saúde esperada e natural, têm precipitado os mais atentos para uma reflexão sobre o momento da medicina agora praticada.



**Eduardo Pereira**

Médico  
Gastrenterologista.  
Prof. Coordenador  
na Escola Superior  
de Saúde Dr. Lopes  
Dias do Instituto  
Politécnico  
de Castelo Branco

De uma forma geral, a obsessiva ocupação com a identificação diagnóstica centrada na tecnologia, tem conduzido a uma excessiva valorização da doença, deixando para plano secundário o interesse pelo bem da saúde e pela qualidade de vida. Neste sentido, há uma evidente e precipitada utilização de actos diagnósticos e terapêuticos, apagando por completo a adequada avaliação clínica e o enquadramento sintomático, desresponsabilizando desta forma as atitudes e comportamentos dos pacientes e omitindo as naturais consequências.

O potencial desta prática para desencadear efeitos nefastos tem vindo a ser evidenciada pelo elevado número de patologias, agora associadas aos actos de intenção terapêutica e erros da medicina.

As modificações fisiológicas de causa multifactorial são, ainda, a justificação do maior universo sintomático que leva à procura de cuidados de saúde que, ao invés de alertar, assustam os doentes assim como também os médicos.

A exclusiva racionalidade da actual cultura médica não é compatível com a intrínseca percepção de uma errática abordagem cartesiana. Tendo em conta que a pessoa e a sua personalidade são indissociáveis, este verdadeiro "todo humano" só pode ser extrapolado da interacção mente-corpo, única forma de interpretar a pessoa saudável ou doente, num verdadeiro modelo integrado da fisiologia humana e sua disrupção. Desta forma, esta integridade que se pretende equilibrada, apenas pode ser gerida e avaliada por uma abordagem que tenha muito mais do que a exclusiva avaliação de marcadores biológicos, geradora da necessidade de um excessivo consumo de uma diversidade de exames clínicos complementares.

De facto, já todos conhecem ou experimentaram o modelo de cuidados de saúde centrado na interacção entre os principais intervenientes, em concomitância com o compromisso bilateral na implementação da sabedoria, coragem e humildade, que deverá ser a opção certa e virtuosa.

Para a implementação das virtudes da medicina cabe à participação dos profissionais de saúde expôr a verdade, divulgando as dificuldades e limites mas, também, da sociedade que deverá assumir atitudes e comportamentos de integridade aplicados à natureza humana.

A este respeito, é evidente o papel da humanização da medicina e da sociedade, cuja opção implica uma decisão política clara, motivada pelo entusiasmo e harmonia de uma cultura centrada na qualidade de vida. Humanizar a medicina é, assim, não apenas uma obrigação educacional, mas também uma condição de sucesso e excelência do profissional de saúde. O reconhecimento pela comunidade da identidade da profissão, vital para a excelência do exercício do médico, advém da diferenciação técnica mas, igualmente, das qualidades e capacidades humanas tendo por base princípios morais e éticos.

Estes aspectos são, naturalmente, intrínsecos e indissociáveis da história da medicina, sendo o seu desrespeito o caminho inevitável para a sua disfuncionalização, concretizada pela utilização de um modelo defensivo ou até ofensivo.

Na diversidade da biosfera apenas o ser humano tem percepção da sua transcendência, constituindo a representação da morte um desafio para a consciência e recurso emocionais internos, aceitando a dimensão que se estende além do seu próprio "ser". Desta forma,

necessitamos de alguém que nos reduza o sofrimento ligado à doença e promova a saúde e a vida, tal como e apenas, a dor da incerteza, que lhe vem lembrar a sua condição de mortal. Um doente sente-se mais seguro com um médico sábio do que com um artificialmente treinado.

Se o médico entrega os cuidados do doente a um enfermeiro, a simpatia ao recepcionista, as recomendações a um secretário e as soluções dos problemas domésticos a um assistente social, corre o risco de distanciar-se definitivamente do contacto pessoal, afastando-se definitivamente do doente e da medicina.

O humanismo em medicina não é uma mera questão temperamental, um gosto individual, um apêndice cultural ou até um complemento interessante, é uma verdadeira ferramenta de trabalho. Humanismo deve ser uma atitude científica, ponderada, resultado de um esforço de aprendizagem, com metodologia própria.

A revalorização deste humanismo passa pelo renovar da formação médica com o ensino das humanidades e pelo resgate da vocação, acentuando o valor do crescimento pessoal através

da humanização dos próprios profissionais de saúde.

Sabendo que o conhecimento científico se manifesta em poder próprio e o amor humano como um serviço em benefício do paciente, mais difícil se torna esquecer o sofrimento em substituição da técnica. O entusiasmo pela profissão, a par da humildade em aceitar os limites da intervenção humana, por mais diferenciada que seja, constituem elementos facilitadores da integração da ciência e da vida. Desta forma, se permite acrescentar a capacidade de julgar a qualidade moral do ser humano como o “todo”.

A alegria e a responsabilidade de ser médico, no papel de cuidar sem recusa e curar sempre que possível, faz da ciência uma arma controlável e cada vez mais poderosa.

No entanto, pode ser de utilidade reduzida, caso não esteja presente o efeito invisível da empatia, compaixão e influência vital. Ao aceitar a medicina como ciência, mas igualmente como arte, fica protegida a condição humana pela evidente necessidade de conjugar a competência com a permanente reflexão sobre o verdadeiro humanismo, distante do ilusório verniz de humanização.